

### Educar, compartilhar

Festa "Buenos Aires Celebra: Bolívia". Fotografia de Rafael de Souza.

paralisam e encantam. Ao ver os giros das saias dos vestidos, toma-me um pensamento: para cada rodada, um infinito de histórias, para cada movimento, uma miríade de narrativas. A América Latina não é uma versão atrasada do mundo ou um continente sem história, senão um conjunto de experiências, trajetórias, lugares e embates que nos forja enquanto sujeitos de luta, desejos, saberes, assombros.

Detenho-me na amplitude da avenida. Ruas largas, com algumas pessoas espalhadas assistindo aos desfiles. Emociono-me. Quanto disso não é invisível ou inaudível para nós? O quão já não estão nossos sentidos interditados à percepção do que faz parte dos mundos locais, menores, singulares, não conformados pela gramática capitalista? Fico ali, sentindo palpitar algo de pertença, algo de encantamento. As faces se transformam: não se trata de um outro estrangeiro alheio, "anormal", mas de um sujeito que me toca, me diz algo, porque também me habita.

No encontro com este outro, esta alteridade tão distinta, embora tão próxima, pergunto-me: O que nos ensina a experiência do encontro com a alteridade? Que provocações nos faz no sentido de pensar o educativo como uma relação na diferença, portanto, como *conversação* (SKLIAR, 2017)? Com que linguagem? O que nos dizem seu riso e fibra que entoam outras narrativas em um cenário no qual se tornam comuns os golpes de Estado, como no Brasil em 2016, e crimes políticos são eufemizados ou silenciados, como o desaparecimento e morte do ativista Santiago Maldonado, na Argentina, em 2017, ou como as mortes nas favelas do Rio de Janeiro? Que democracia é esta? É esta democracia que sustenta

nossas ações e relações na escola? Então, como compreendemos e enxergamos os estudantes, como mantemos nossas conversações e relações com eles?

Esse sistema institucionalizado de esmagamento de minorias, de invisibilização de corpos, de aniquilamento de diferenças, de negação de pluralidades e singularidades a que chamamos de democracia não cessa de produzir exclusão e violência! Por isso, enjoa-me. Produz em mim sentimentos pesados como rochas metálicas, áridos como a poeira seca presa a um corpo cansado. Mas há que seguir, passo a passo, corpo a corpo, respiração após respiração.

O que existe de mais próximo a esse ideal de "democracia" que tanto se apregoa, se existe, é experimentado por alguns corpos, bem seletivamente: O corpo branco, masculino, heterossexual, cisgênero. Toda uma outra infinidade de corpos não importa na gramática da violência incontestada do desejo de mesmidade: corpos pretos, femininos, transgêneros, indígenas, *queer*, "deficientes", mutilados... A esses não existe a propalada democracia; acabam abandonados à sua própria sorte, contra todo um sistema incessantemente construído sobre a negação de seus corpos, sobre a subalternização e colonização de sua existência. Como parte desse sistema, a escola leva a cabo diferentes dispositivos de normalização e exclusão: as avaliações externas padronizadas, os currículos únicos, os conteúdos programáticos, as reprovações, etc.

No entanto, compete indagar: Mas é só isso? Não há mais nada e fim? Receio que não. Não precisamos de autorização para sermos nós mesmos, para sermos *outro*. Alteridade e singularidade escapem às normativas, se impõem como experiência de existência e relação no mundo. Então, contra qualquer dispositivo e/ou sistema que nos negue, nos rebelamos. E nossa rebelião é também a afirmação de nossos corpos, de nossas existências, de

nossos pronomes e artigos, de nossas vidas, de nossas cores e culturas! Os corpos nas ruas em 2013 no Brasil já gritavam isso, como gritam agora, mais do que nunca, após a condenação política de Lula. É golpe! É golpe! E o golpe é todo dia, porque não é produto, mas processo! Os corpos na escola também gritam, desde o uniforme customizado até as incontáveis formas de seguir re-existindo.

Na rua, corpos negros, indígenas, femininos, trans, jovens, velhos, bolivianos... Corpos tantos me ensinam. A democracia não é outra coisa senão conversação. A educação não é outra coisa que não conversação (SKLIAR, 2017). Que possamos enxergar o educativo não do ponto de vista jurídico, normativo, conteudista, mas, sobretudo, com um olhar ético, poético e literário (MÉLICH, 2006): um olhar que possa ver o outro com seu nome próprio, seu rosto, suas histórias e narrativas pessoais e coletivas, singulares, que possa ouvir sua voz, ir ao seu encontro, sem que isso signifique subordiná-lo à norma, ao "normal".

Vivenciar a apresentação de uma Bolívia cheia de vida, música, ritmo e vibração nas ruas de Buenos Aires, durante uma festa comemorativa celebrada pelos bolivianos residentes na Argentina, provocou-me a pensar na importância de uma educação atenta, aberta às nossas histórias, ao que toca e faz parte de nossas vidas, porque, se a educação é conversação, o seu teor não pode ser outro senão aquilo que nos aproxima, que desperta nossa atenção conjunta, para que possamos conversar, discordar, fazer e pensar coisas juntos.

Trata-se, portanto, de pensar o educativo não como maquinaria de produção de mesmidade, mas como uma possibilidade de prestar atenção no outro e no que nos oferece/demanda: o não dito, a rebeldia, o silêncio, a fragilidade, a presença, os gestos... Em cada ínfima e desimportante palavra, em cada frase errante e errática, há vacuidades, espaços, danças,

insinuações, gritos, silêncios. Nossa linguagem arrasta um rio de histórias, trajetórias, encontros, conversações e toques, roçadas de pele leito abaixo. Somos corpos nus, profanos, rebeldes, impublicáveis, incensuráveis, desejosos: Corpos. Podem esses corpos e experiências ficarem de fora da escola?

Lembro, mais uma vez, de minha experiência com a escola: a mesma instituição que me ensinou que ser favelado, nordestino e gay é motivo de silêncio, de abafamento foi a que me possibilitou percorrer um caminho, com diferentes vozes e distintas presenças, no sentido de me afirmar como sujeito, como potência de existência do mundo. A escola, por sua própria natureza, é caótica, complexa, ambivalente: derruba preconceitos na medida em que os reproduz, reforça estereótipos ao mesmo tempo em que os coloca em questão. Exige-nos ver o que, para muitos, é invisível: a esperança onde ela não é autorizada, o outro em sua alteridade. Se queremos a construção de uma educação outra, de outro modo de pensar e viver o educativo, então precisamos investir no cotidiano como espaço de conversação, de circulação da palavra, de criação. Em outras palavras: perseguir uma política da escuta, da atenção e do compartilhar, porque, como me ensinaram os corpos na rua, educar tem a ver com compartilhar: símbolos, palavras, gestos, sentimentos, afetos, histórias... Para que nossas vidas não sejam jamais somente o que vêm sendo.

### **Sobre o autor:**

Professor do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e integrante do Grupo de Pesquisa ArteGestoAção. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da UNIRIO, com bolsa Capes PDSE 2016, e integrante do Grupo de Pesquisa: Práticas Educativas e Formação de Professores.

### **Referências:**

MÈLHIC, J.-C. **Transformaciones**: tres ensayos de filosofia de la

educación. Buenos Aires: Miño & Dávila, 2006.

SKLIAR, C. **Pedagogías de las diferencias**: notas, fragmentos, incertidumbres. 4ª reimpressão. Buenos Aires: Noveduc, 2017.